

● DINHEIRO



Lagarde considera cedo para dizer que taxas atingiram o pico

A presidente do BCE defendeu ontem que, perante os actuais dados, as taxas de juro atingiram níveis que, se forem mantidos durante um período suficientemente longo, vão reduzir a inflação, mas considerou demasiado cedo afirmar que atingiram o pico.

“É demasiado cedo para dizer se as taxas de juro do Banco Central Europeu (BCE) atingiram o seu pico”, disse a presidente da instituição, Christine Lagarde, na conferência de imprensa após anunciar o décimo aumento consecutivo de subida dos juros, com o objectivo de combater a inflação.

Christine Lagarde realçou que, “com base na sua actual avaliação, o Conselho do BCE considera que as taxas de juro directoras atingiram os níveis que - se forem mantidos durante um período suficientemente longo - darão um contributo substancial para o retorno atempado da inflação ao objectivo”.

Questionada sobre se o BCE fechava, assim, a porta a uma nova subida dos juros, Christine Lagarde salientou que a próxima decisão da instituição irá depender “dos dados económicos”, sobretudo da avaliação das perspectivas de inflação, à luz dos dados económicos e financeiros que forem sendo disponibilizados, da dinâmica da inflação subjacente e da força da transmissão da política monetária.

“Não podemos dizer que atingimos o pico”, afirmou, acrescentando que “as futuras decisões do Conselho do BCE assegurarão que as taxas de juro directoras sejam fixadas em níveis suficientemente restritivos, durante o tempo que for necessário”, reafirmou.

O BCE anunciou ontem uma subida de 25 pontos base das três taxas de juro. A taxa de juro aplicável às operações principais de refinanciamento (a taxa que os bancos pagam quando contraem empréstimos pelo prazo de uma semana junto do BCE) sobe assim para 4,5%.

VAMOS AGUENTAR “POR MUITO QUANTO”

PAULO PEREIRA CRITICA BCE E BRUNO TAVARES NÃO PREVÊ GRANDES MEXIDAS NO IMOBILIÁRIO

RÚBEN SANTOS
rsantos@dnoticias.pt

Três anos depois dos arcos-íris pendurados às varandas, o cenário foi pincelado de negro para os que ainda acreditavam que iria ‘ficar tudo bem’. O crédito à habitação não pára de aumentar, pouco ou nada resta do dinheiro poupado durante a pandemia e a economia alemã estagnou após meses de recessão - com graves implicações para os restantes países da Zona Euro.

Ciente de tudo o que estaria por vir, Paulo Pereira foi um dos que nunca alinhou em correntes de esperança, essencialmente porque esteve sempre atento ao comportamento do Banco Central Europeu (BCE).

“A solução das subidas das taxas de juro é a única possível quando se quer combater a inflação. O problema é que o BCE criou esta inflação e não avisou as pessoas que durante estes anos todos andou a imprimir dinheiro para subsidiar tudo e mais alguma coisa, em especial os Governos do Sul da Europa. O pico da loucura foi parar a economia na altura da Covid. Ninguém se perguntou, na altura, de onde é que vinha aquele dinheiro

para estarmos todos aqui a viver sem trabalhar”, recorda o economista para depois complementar.

“As pessoas que agora telefonam e perguntam pelo impacto das taxas de juro nunca me telefonaram a perguntar qual era o impacto de se estar a imprimir tanto dinheiro novo. A resposta vem agora. O BCE não está mandatado para salvar economias ou para subsidiar ‘lockdowns’ e agora agarra-se ao seu mandato original, que é combater a inflação, aumentando as taxas de juro para poder acalmar o incêndio que criou. No fundo, já se pode rebentar com o emprego, porque a inflação é um bem maior”, sintetizou.

Notoriamente preocupado com o facto de a inflação “não estar controlada”, o presidente da delegação regional da Ordem dos Economistas redobra a sua apreensão quanto à política económica do BCE.

“O BCE diz que tem uma política económica, mas a primeira parte é que conta: a política. Acredito que poderão começar a descer as taxas de juro, um dia, repentinamente, logo que a coisa comece a ficar insustentável politicamente. Do género, uma recessão profunda na Alemanha e alguns partidos de extrema-direita comecem a ganhar eleições”, sustentou Paulo Pereira, fazendo questão de recordar que vem aí o Inverno.

“As energias estão cada vez mais caras e isso está fora do domínio do BCE. O petróleo está outra vez a subir e o Inverno está a chegar, o que implicará um maior consu-



Madeirenses deverão suportar subida no crédito à habitação. FOTO HÉLDER SANTOS

mo”, alerta, isto a propósito de um dos efeitos provocados pela guerra na Ucrânia.

Apesar de todo este contexto, o

economista acredita que não será à conta do novo aumento nas taxas de juro que “as famílias ou as empresas vão ficar muito piores do

Programa Reequilibrar para mitigar o efeito

“As pessoas que sintam que têm um excesso de esforço no pagamento das prestações das casas devem dirigir-se à IHM e inscrevem-se no chamado Programa Reequilibrar”, aconselha o presidente do Governo Regional, em resposta à anunciada nova subida das taxas de juro. Miguel Albuquerque considera que “neste momento estamos a pagar um erro do Banco Central Europeu (BCE)”, referindo-se à decisão “já esperada”. Considera que o BCE relativamente

à Reserva Federal dos Estados Unidos atrasou-se um ano, ao lembrar que “quando a inflação começou a crescer na Europa a actual presidente do BCE veio a Lisboa, num Conselho de Estado, dizer que era conjuntural”.

Albuquerque reconhece ser “uma situação muito desagradável para algumas famílias” e por isso aconselha aos que enfrentam taxa de juro excessiva no crédito à habitação a inscrever-se no Programa Reequilibrar, criando no início deste ano e

presentemente com mais de uma centena de famílias inscritas e a beneficiarem do apoio do Governo Regional. O apoio médio por prestação situa-se nos 150 euros, valor que no limite pode ir até aos 200 euros. Recorda que o Governo reservou um milhão de euros de cabimento orçamental para este Programa Reequilibrar, mas assegurou que há capacidade para “reforçar este programa se necessário”. Ainda sobre este aumento das taxas de juro, uma vez que já era previsi-

vel vir a concretizar-se, Albuquerque considera que “a maioria das instituições financeiras tinham tempo para acomodar esta subida” e que acredita que a vão fazer “e não vai ter repercussão imediata”. Porque para além da via orçamental, que “neste momento não possível fazer”, combater a inflação só resta a via da subida de juros, reconhece que esta medida era inevitável, apesar de afectar “todos os extractos sociais e sobretudo os mais pobres”, sublinhou. O.D.

MIGUEL ALBUQUERQUE